



03 e 04 de setembro de 2024



Escola, espaço e tempo: atravessamentos da escolarização na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, Manaus-AM

Bianca da Silva Doza¹

Resumo

Esse texto propõe-se a olhar para a escola enquanto um lugar onde se realiza a escolarização. Como recorte espacial, convido-o a percorrer a Comunidade Nossa Senhora de Fátima e adentrar a Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, a fim de verificar a realização desse processo no ensino fundamental. Para isso, recorro a Milton Santos (2006) para pensar a relação espaço-tempo, visando, dessa forma, inserir a escola nos processos formadores de espaço. Como procedimento metodológico, recorri aos calendários escolares da Prefeitura de Manaus, bem como o uso de mapas e fotografias. Como resultado, constatou-se que a escolarização possível mobiliza uma coexistência de tempo, tornando tão múltiplo quando o espaço onde se realiza. A partir do registro das mudanças no espaço-tempo em decorrência da escolarização, bem como a diferenciação dos lugares a partir da existência da escola, pretende-se salientar os aspectos imprevisíveis e criadores presentes na escola.

Palavras chave: lugar; escola ribeirinha; calendário escolar; cheia; vazante.

School, space and time: intersections of schooling in the Nossa Senhora de Fátima Community, Manaus-AM

Abstract

This text aims to look at school as a place where schooling takes place. As a spatial cut, I invite you to visit the Nossa Senhora de Fátima Community and enter the José Sobreira do Nascimento Municipal School, in order to verify the realization of this process in elementary education. To do so, I use Milton Santos (2006) to think about the space-time relationship, thus aiming to insert the school in the processes that form space. As a methodological procedure, I used the school calendars of the Manaus City Hall, as well as the use of maps and photographs. As a result, it was found that possible schooling mobilizes a coexistence of time, making it as multiple as the space where it takes place. Based on the record of changes in space-time as a result of schooling, as well as the differentiation of places from the existence of the school, the intention is to highlight the unpredictable and creative aspects present in the school.

Keywords: place; riverside school; school calendar; flood; ebb.

¹ Mestranda em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e-mail: bdoza99@gmail.com



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Introdução

O presente texto busca sintetizar reflexões acerca da escola enquanto um lugar que expressa as particularidades do processo geral de escolarização. Para isso, utilizo as observações feitas nos campos da pesquisa de mestrado em andamento na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, localizada na Comunidade Nossa Senhora de Fátima.

A escolha de uma escola ribeirinha relaciona-se aos meus interesses voltados à educação do campo, pois os contextos rurais apresentam modos de vida que exigem maiores modificações dos vetores globais (nesse caso, a escolarização). Na Amazônia, cuja ocupação ocorreu majoritariamente às margens dos rios, o modo de vida predominante nesse caso é o ribeirinho.

Diante dessa realidade, meu objetivo é identificar as particularidades da escolarização a partir da relação espaço-tempo. Para isso, utilizo como principal referencial teórico Milton Santos (2006), buscando, assim, compreender a escola enquanto componente das dinâmicas formadoras do espaço.

Para isso, os meus caminhos metodológicos percorreram os calendários escolares parcialmente disponibilizados pela Secretaria Municipal de Educação (SEMED) de Manaus (Anexo I) e pelos professores da escola investigada (Anexo II, III e IV). A partir desse material, foi possível observar os encontros e desencontros entre os diferentes tempos-espacos pensados pelo Estado.

Para contextualizar o leitor acerca dessa realidade, reconstitui a história da comunidade por meio da dissertação de Gilmar Teles (2017). A partir disso, a tradicionalidade foi discutida com base na obra de Carlos Brandão e Alessandra Leal (2012).

Por fim, para auxiliar no seu exercício de imaginação, foram apresentados mapa e fotografias do lugar. Dessa forma, espero contribuir para a formação de um olhar menos estanque e previsível acerca da escola a partir do registro de suas mudanças no espaço-tempo.



03 e 04 de setembro de 2024



O que os olhos não veem, mas a mente procura: a história da comunidade Nossa Senhora de Fátima

Na figura 1, é possível observar uma representação espacial da comunidade em sua forma atual. Dentre os elementos do mapa, destaco sua proximidade com a área urbana e suas vias de acesso.

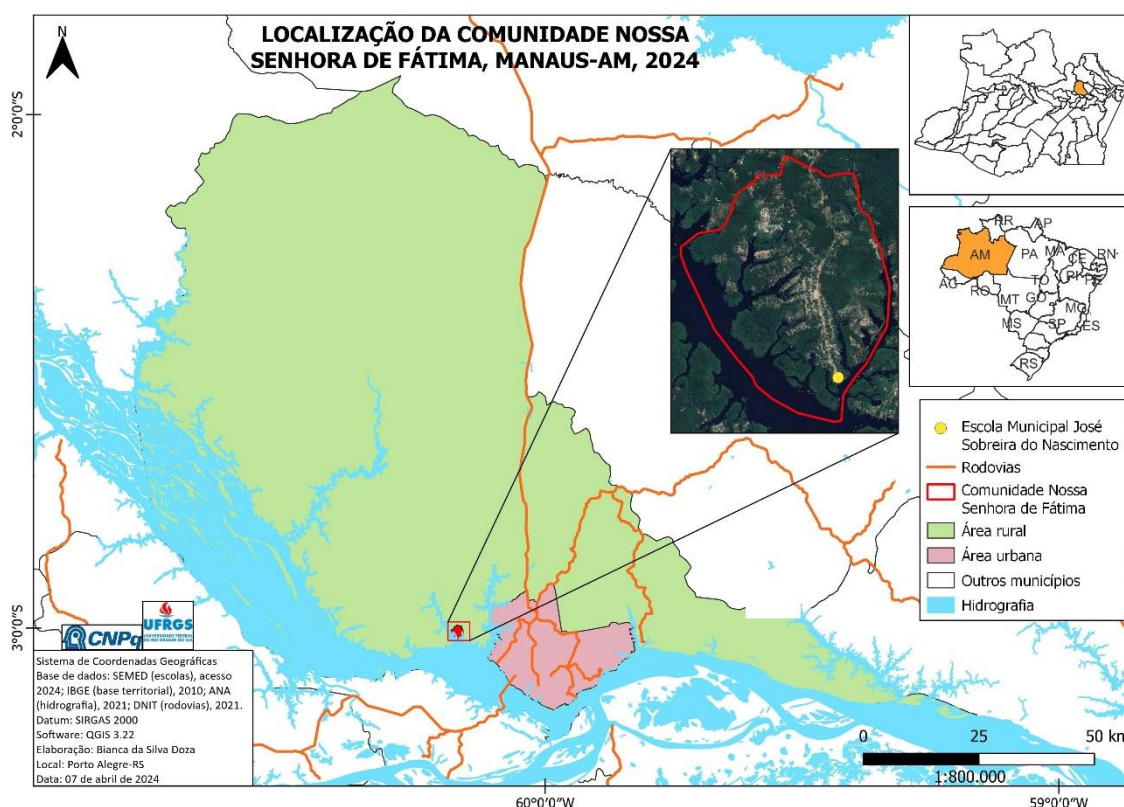


Figura 1. Mapa de localização da Comunidade Nossa Senhora de Fátima. Fonte: autora (elaboração), 2024.

No segundo aspecto, destaca-se o rio. De maneira informal e indisponível nos dados oficiais, destaco também os ramais que se estendem ao norte da comunidade e levam até a BR-174.

Ao adentrarmos essa representação aparentemente estática, nos deparamos com a seguinte paisagem:



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Figura 2. Comunidade Nossa Senhora de Fátima. Fonte: acervo pessoal, 25/06/2024.

Nesse lugar, cuja vida hoje está estabelecida, o passado revela uma ocupação recente e constante. Ao explorar as imagens históricas do Google Earth com uma turma do 7º ano, lembro-me do espanto ao observarem a inexistência da casa de alguns estudantes entre 2007 e 2022.

A ocupação da Comunidade Nossa Senhora de Fátima iniciou na década de 60 (TELES, 2017). Feito esse marco temporal, você pode se questionar o que há de “tradicional” numa ocupação relativamente recente.

Para adentrar essa questão, vejamos a versão contada por Gilmara Teles (2017). Nelson Gonçalves e sua família saíram do município de Coari para a cidade de Manaus. Nesse novo lugar, moraram numa ocupação conhecida como “cidade flutuante”, um conjunto de casas sobre as águas localizadas no Centro de Manaus.

A construção da “cidade flutuante” foi motivada pela crise da borracha, em 1920. Apesar da ausência de um governo municipal, a “cidade” contava com restaurante, consultório odontológico, oficina de barco e outros serviços que dispensavam a ida a terra firme (SOUZA, 2010).

Sua existência passou a incomodar as autoridades na década de 60, quando já contava com mais de doze mil pessoas (SOUZA, 2010). Nesse momento, o governo estadual começou a realizar levantamentos oficiais para solucionar o que era um problema para eles.



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Afinal, a má estética da ocupação popular evidenciava problemáticas como a falta de saneamento básico. Com isso, torna-se inviável o discurso de uma urbanização cujo progresso é homogêneo, fazia-se necessário tirá-los da área central.

É nesse contexto ditatorial e de contínuas tentativas de fixação que encontra-se Nelson Gonçalves e sua família. Após serem desalojados, tentaram fixar-se na Praia da Lua, mas também foram expulsos. Na confluência entre o igarapé do Tarumã-Mirim e o Rio Negro, avistaram as terras de José Sobreira do Nascimento, homenageado na denominação da escola (TELES, 2017).

Inicialmente, a comunidade se chamaria São José para homenagear o igarapé das redondezas. Contudo, José Sobreira do Nascimento solicitou que o nome fosse Nossa Senhora de Fátima, pois era católico e devoto da santa (TELES, 2017).

Após dois anos ocupando o local e trabalhando na pedreira do proprietário, Nelson e seu filho Romildo buscam criar uma comunidade para ter acesso à educação, religião e esporte sem precisar ir à área urbana de Manaus. Apesar da resistência inicial, José Sobreira do Nascimento autoriza a delimitação de lotes, cadastro das famílias e distribuição de terras (TELES, 2017).

Dessa forma, a recente comunidade surgiu e manteve-se. Nesse processo, os indivíduos trazem consigo a memória, e o “lugar novo o obriga a um novo **aprendizado** e a uma nova formulação” (SANTOS, 2006, 224 p., grifo meu).

Na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, encontram-se o acúmulo desses aprendizados na passagem dos agentes por Coari e Manaus. O flutuante, antes indesejado, torna-se indispensável na novo lugar.

Nessa relação, “o espaço é um dado fundamental nessa **descoberta**. Ele é o teatro dessa nova ação por ser, ao mesmo tempo, futuro imediato e passado imediato, um presente ao mesmo tempo concluído e inconcluso, num **processo sempre renovado**” (SANTOS, 2004, 224 p.).

Nesse teatro rodeado pelo rio, encontramos no passado as ações que buscam uma autonomia em relação à Manaus. Uma vez estabelecidos, o futuro imediato nos revela as vias de conexão já estabelecidas (o rio) e ainda por fazer-se (a estrada).



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Esse processo de criação demonstra o que Milton Santos (2006, 224 p., grifo meu) chama de “consciência pelo lugar”:

Quanto mais instável e surpreendedor for o espaço, tanto mais surpreendido será o indivíduo, e tanto mais eficaz a operação da descoberta. A **consciência pelo lugar se superpõe à consciência no lugar**. A noção de espaço desconhecido perde a conotação negativa e ganha um acento positivo, que vem do seu papel na produção da nova história.

Com isso, quero evidenciar o espaço enquanto uma instância ativa na ação humana, em especial na criação da comunidade. Diante da imprevisibilidade de estabelecer-se, foi criada um lugar que dispensa a saída por meio de técnicas tradicionais conflitantes com a urbanização.

Mas afinal, o que há de “tradição” numa tentativa frustrada de fixar-se na cidade? Como pesquisadora, corre-se o risco de buscar um conjunto de traços folclorizados. Diante disso, recorre ao texto de Carlos Brandão e Alessandra Leal (2012) para repensar esse conceito.

Segundo os autores, a comunidade tradicional “surge como um ‘acontecer presente’ imposto e torna-se o lugar dos pobres, dos expropriáveis, dos resistentes, em uma situação de fronteira” (BRANDÃO e LEAL, 2012, 78 p.).

Nessa concepção apresentada pelos autores, o lugar-fronteira se refere a terras não ocupadas ou pouco ocupadas, onde ocorre o contato com outro (quem estava e quem chegou). Na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, observa-se o contato entre proprietário e expropriados, tendo como “acontecer presente” a urbanização da cidade de Manaus.

Uma vez estabelecidos, a permanência da vida mobilizou ações de transformação e apropriação da natureza. Dessa forma, ela torna-se socializada (e não intocada) por meio do trabalho orientador por seus saberes tradicionais.

Com isso, foi possível a criação de tecnologias de baixo impacto (o porto flutuante) e a elaboração de noções espaciais para sua reprodução econômica e social (BRANDÃO e LEAL, 2012, 82 p.). Assim, espaços produtivos e de lazer são



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



identificados (o campo de futebol e as praias), bem como rotas que ligam a outras comunidades e ao centro urbano de Manaus.

A partir do diálogo com o texto de Carlos Brandão e Alessandra Leal (2012), ressalto a direção do olhar que busca o aspecto tradicional das comunidades. Ele não é perdido com o uso de um smartfone, pois a inserção desse objeto não anula a socialização da natureza a transmissão de saberes para se fixar e circular no espaço.

Atualmente, essa história é continuada por 2354 pessoas (UNIDADE DE SAÚDE FAMILIAR RURAL NOSSA SENHORA DE FÁTIMA, 2024), cuja socialização é feita, dentre outros lugares, na escola. Mais do que socialização, trata-se de uma exigência global: lugar de criança é na escola (juntamente com adolescentes e adultos com escolaridade incompleta)! Vejamos, no próximo tópico, que lugar é esse.

A escola no espaço-tempo: um olhar geográfico para o calendário escolar

A Escola Municipal José Sobreira do Nascimento se apresenta logo na entrada do Porto Flutuante da Comunidade Nossa Senhora de Fátima. Trata-se da maior edificação que observei na comunidade até o momento (figura 3 e 4).



Figura 3. Entrada da Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, Comunidade Nossa Senhora de Fátima, Manaus-AM. Fonte: acervo pessoal, 02/07/2024.



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Figura 4. Quadra da Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, Comunidade Nossa Senhora de Fátima, Manaus-AM. Fonte: acervo pessoal, 02/07/2024.

Geralmente, nos centros das grandes cidades, a igreja católica ocupa o destaque, impondo seu poder e simbolizando a inferioridade humana perante Deus. Mas na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, quem simboliza essa grandiosidade é o Estado.

Nota-se que sua arquitetura não é de longas pernas de madeira. Em seu interior, encontramos portas e janelas fechadas, pois o conforto térmico não se dá pela circulação do ar e sim pelo uso de ar-condicionado (geralmente em 16 ou 18 °C).

As cores, os materiais e a magnitude lembram uma escola da área urbana, bem como o conteúdo das aulas. Na instituição escolar, é possível observar a concretização de uma demanda que se realiza globalmente, mas não igualmente. Trata-se aqui da escolarização, ou seja, o conjunto de atos que garantem o acesso, permanência e aprendizado na escola.

Vejamos alguns exemplos para entender essa diferença. Nas Filipinas as aulas foram suspensas devido a onda de calor (O GLOBO, acesso em 04 de agosto de 2024). No Brasil, o governo do Paraná privatizou a gestão escolar (EXAME, acesso em 04 de agosto de 2024). Com esses dois exemplos, quero mostrar que a escolarização colide com as formas precedentes.

No primeiro, destaca-se o fator clima e a urbanização. No segundo, as relações de classe no Brasil, na qual o empresariado dos eixos Sul-Sudeste dita as tendências não



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



só na economia, mas também na educação formal. Em ambos, são heranças materiais (mudanças climáticas e urbanização) e imateriais (relações de classe) que torna desigual o processo de escolarização.

Com esses exemplos, não quero reduzir a Geografia a um almanaque de curiosidades pelo mundo. Minha intenção é investigar a escola considerando a natureza do espaço, formada, “de um lado, pelo resultado material acumulado das ações humanas **através do tempo** e, de outro lado, animado pelas **ações atuais** que hoje lhe atribuem um dinamismo e uma funcionalidade” (SANTOS, 2004, 69 p., grifo meu).

No caso da Comunidade Nossa Senhora de Fátima, busco em sua história o acúmulo das ações que a constituíram. Na escola, interessam-se o dinamismo funcionalidade que reproduzem as exigências globais ao mesmo tempo que a diferencia.

Ao longo do passado e presente das ações humanas, a relação entre espaço e tempo necessita da empiricização do segundo (SANTOS, 33 p., grifo meu). Milton Santos (2006, 133 p., grifo meu) ressalta ainda uma prevalência do primeiro nessa relação:

as condições preexistentes em cada lugar, o seu **estoque de recursos, materiais ou não**, e de organização - essas rugosidades - constituem as **coordenadas que orientam as novas ações**. Se consideramos o espaço tal como existe em dado momento, como uma realidade objetiva, e o tempo como as ações que nele se vão inserir, então **é o tempo que depende do espaço e não o contrário**.

A partir dessa ideia, olho para a escola buscando as ações que realizam o tempo. Nesse encontro, a escolarização acomoda-se e/ou modifica os vestígios das ações pretéritas que constituíram a comunidade.

O resultado do encontro entre os vetores globais os “estoques de recursos” materiais e imateriais é o lugar. Assim como a região, é onde o tempo empiricizado se realiza como possibilidade, apesar de estar subordinado aos processos globais (SANTOS, 2006, 108 p.).

E a escolarização? Trata-se, nesse texto, de um fenômeno cuja totalidade se encontra, principalmente, na Ciência no Estado. O primeiro se refere ao conteúdo de seu ensino. Apesar da escola não ser o único e talvez nem o principal meio de informação,



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



ainda se mantém como o principal lugar de estudo sistemático de determinadas áreas do conhecimento, sobretudo as ciências.

Num país onde menos de 20% da população possui ensino superior completo (EXAME, acesso em 04 de agosto de 2024), a escola se constitui como o principal acesso ao conhecimento científico. Nesse sentido, os conteúdos não atendem a realidade do aluno, pois não é de lá que emerge a escolarização.

A escolarização possui origens, mas não destinos, ou destinos múltiplos: saem dos centros da produção científica e devem se impor em qualquer lugar. Não são feitos *em e nem para* Anamã, Ipixuna, Manaus ou, aumentando a escala do mapa, Comunidade Nossa Senhora de Fátima. Ao invés disso, os sujeitos são crianças e adolescentes universais.

Na melhor das hipóteses, considera-se a faixa etária: o prático e lúdico para as crianças; o teórico e abstrato para os adolescentes. Com isso, parte-se do princípio de que toda criança possui infância (brinca) e todo adolescente cursou de forma satisfatório o ensino fundamental.

Para sua efetivação no território, é necessário a ação do Estado. Mesmo no ensino privado, é ele quem dita o conteúdo e o ritmo a serem executados pelos governos, e é a ele que outros atores se associam para influenciar os rumos da escolarização no país.

E a escola? Nesse texto, ela é compreendida como um lugar onde a escolarização se manifesta e se diferencia. Diante dessa padronização e da existência de diversos elementos que a tornam particular, destaco nesse escrito o tempo.

Na organização das escolas, padroniza-se o tempo de aula e as datas para iniciar e finalizar o ano letivo, bem como o período de férias. Esse planejamento foi exemplificado por Milton Santos (SANTOS, 2006, 97 p., grifo meu):

A fixação, pela autoridade nacional, de um **calendário escolar**, por exemplo, é um desses dados organizacionais que delimitam e qualificam **o tempo social**, ditando, de **longe e de cima**, a duração e o nível da atividade econômica em bom número de centros de vilegiatura.

Com esse exemplo, o tempo nas escolas aparece como padronizado e externo. Contudo, a concretização do tempo social possui escalas que a diferenciam do tempo



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



global e nacional.

A partir disso, haveria uma particularidade temporal? Existiria um tempo europeu, africano, sul-americano (SANTOS, 2006, 90 p.) ou, o que nos interessa, um **tempo amazônico**?

Na região, tentamos apreender a questão dividindo o tempo em acíclico (cronológico) e cíclico (cheia-vazante do rio). O primeiro, refere-se a metrificação abstrata do tempo ao qual Milton Santos (2006, 122 p., grifo meu) se refere:

A cidade moderna nos move como se fôssemos máquinas, e os nossos menores gestos são comandados por um **relógio onipresente**. Nossos minutos são os minutos do outro e a articulação dos movimentos e gestos é um dado banal da vida coletiva.

Com isso, quero demarcar o tempo acíclico/cronológico enquanto uma expressão metrificada do tempo social. Contraditoriamente, o tempo acíclico é visto como mais livre frente às determinações das cheias e vazantes.

Contudo, no segundo caso, as determinações são evidentes: a natureza socializada. O tempo acíclico/cronológico, por sua vez, adquire um caráter natural e imutável. Esse “relógio onipresente”, cujos ponteiros são acertados pela mão invisível, é característico do modo de vida urbano.

Contudo, não se limita a cidade, pois “esses imperativos da vida urbana estão cada vez mais invadindo o **campo** modernizado, onde as consequências da globalização impõem práticas estritamente ritmadas” (SANTOS, 2006, 122 p., grifo meu). Essa constatação é observável nos calendários escolares, cujas adequações visam atingir as metas comuns às escolas do município.

Essa manifestação do urbano nas áreas rurais, no entanto, não é um simulacro ou sujeição ao modo de vida urbano. Uma vez ali, ele não só muda como também é mudado pelo espaço, adquirindo formas e usos particulares.

A depender do uso, as técnicas do modo de vida urbano podem, inclusive, manter o modo de vida ribeirinho. A eletricidade, por exemplo, possibilitou ao pescador a conservação de um excedente para o período de defeso e até para comercialização.



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Sua efetivação, no entanto, exige uma negociação com um elemento fundamental na vida dos ribeirinhos: o rio. Isso ocorre não só por ser um espaço habitado, mas principalmente pela criação de técnicas codependentes do rio (pesca, agricultura de várzea, transporte fluvial). Para afastar possíveis inferências deterministas, o que é determinado pelo rio é a **técnica** e não o ribeirinho, sendo ele um criador dotado de intencionalidade.

Para isso, considera-se o ritmo de cheia (outubro-março) e vazante (abril-setembro). Nas escolas ribeirinhas, o tempo universal (aquele determinado pelo Estado), ao adentrar as comunidades ribeirinhas, é ritmado pelo tempo cíclico (do rio) para que possa se empiricizar no lugar.

Essa relação pode ser observada nos diversos calendários escolares da Prefeitura de Manaus (Anexos I, II, III e IV). Nos anexos I e II, encontram-se os documentos elaborados em 2023 para 2024.

Na ocasião, as Zonas Urbana, Rodoviária e Ribeirinha (Rio Amazonas) possuíam o mesmo ritmo, semelhante a sua experiência na escola, leitor: de fevereiro a dezembro. No Rio Negro (Anexo III), já era utilizado um calendário diferenciado, com as aulas que começavam em janeiro e encerravam em outubro.

Ao analisar a Bacia do Tarumã-Mirim, Sidiney Glória (2012) demonstrou que no mês de março as águas do Igarapé Tarumã-Mirim sobem por influência do Rio Negro e das Chuvas locais. Consolida-se, assim, o domínio do rio principal (Rio Negro) sobre seu afluente (Tarumã Mirim). Segundo o autor, “é quando os pequenos igarapés se ‘transformam’ em rios” (GLÓRIA, 2012, p. 103).

Contudo, devido à vazante atípica em 2023, os calendários estão passando por mudanças. Atualmente, há um calendário específico para o Rio Amazonas (Anexo II). Apesar de ainda começar em fevereiro, o término do ano letivo agora é em outubro. No caso das escolas do Rio Negro, o término foi antecipado para setembro. Em todos os calendários, consta-se a mesma exigência: 200 dias letivos e 800 horas.

Diante dessas demandas e mudanças, como as escolas estão cumprindo a carga horária com o tempo reduzido? Para adentrarmos essa questão, enfatizaremos o



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



calendário do Anexo IV, que influencia a Escola Municipal José Sobreira do Nascimento. Para isso, descreverei brevemente o cotidiano no turno vespertino.

O início das aulas é 12h, com um almoço servido às estudantes, professores e funcionários às 11h. Nesse ano, as aulas, que antes acabavam 16h, encerram 16h45min. Isso se deve a um pequeno símbolo no Anexo IV que é o 6º tempo, presente também nas escolas do Rio Amazonas.

Internamente, é necessário ainda mais uma mudança no tempo. Devido à organização necessária para o embarque, as aulas são encerradas 15 minutos antes. Dessa forma, os alunos podem se dirigir ao porto e os professores recolher seus materiais.

Nessa situação cotidiana, endosso a pergunta de Milton Santos (2002, 90 p.) ao falar sobre as escalas espaciais do tempo: “qual a escala menor dos lugares, que lugar mereceria ser chamado o lugar mais pequeno?”. Sem respondê-la, indago-me se existe um tempo da escola.

Outras mudanças para o encerramento antecipado (mas ainda cumprindo as 800 horas e 200 dias!) são os sábados letivos. Nesses dias, entre fevereiro e agosto no Rio Negro e entre junho e outubro no Rio Amazonas, estudantes e professores viviam o cotidiano que, para a maioria da comunidade escolar, acontece de segunda à sexta.

Com esses episódios do cotidiano, quero mostrar-lhe que em cada escola encontramos formas únicas de escolarização. O que torna esses lugares particulares não são apenas os objetos técnicos (a lancha, por exemplo), mas também seus usos.

Na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, um dos elementos que distingue a escolarização nesse lugar é a convergência de tempos e as ações engendradas para realizá-lo. Nos calendários, observamos a exigência estatal (200 dias e 800 horas) em negociação com o rio (encerramento das aulas em setembro). Na sala de aula, a organização dos alunos para o embarque subtrai ainda quinze minutos.

Para compreender as diversas formas de escolarização, não é preciso ir muito longe. Numa mesma rua, podemos ter uma escola com um quadro de giz, uma lousa ou uma televisão interativa. Ao agruparmos essas últimas, podemos encontrar professores que exibem filmes, textos e até alguns que se incomodam com o aparato tecnológico.



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Nesse caso, o lugar não é apenas a localização de um ponto na superfície da terra, mas a realização da vida possível. Ao olhar para escola, vejo nos estudantes e professores a vida que anima esse lugar, pois são eles quem agem e atribuem funções e sentido ao tempo, construindo espaços em simples atos como ir à escola.

Considerações finais

A partir dessa exposição, busquei identificar as particularidades da escolarização a partir da relação espaço-tempo. Tal constatação foi possível a partir do confronto entre o tempo planejado e o vivido.

Na concretização do tempo, o espaço apresenta-se como condição para que ele se realize por meio das ações. Ao considerarmos o espaço como múltiplo, este também se torna um atributo do tempo, tornando particular nos lugares.

Na Escola Municipal José Sobreira do Nascimento, as particularidades se evidenciam no tempo do Estado (800 horas e 200 dias) e a tentativa de diálogo com o rio (cheia-vazante). Contudo, para ser cumprido, precisa ainda do tempo da escola (embarque e desembarque), cujo registro não se encontra nos meios oficiais, apenas nas vidas dos que ali estudam e trabalham.

Dessa forma, as particularidades não se encontram apenas no registro do tempo, mas também nas ações que o realizam e/ou modificam. A partir disso, busquei apresentar o ato de ensinar como imprevisível e criador. Afinal, ir à escola, uma ação corriqueira, mobiliza a criação de lugares e convergência de tempos, diferenciando os educandários enquanto lugares frente à escolarização.

A partir desse olhar, miro não só o edifício da escola, mas as relações que ali se desenvolvem. Na Comunidade Nossa Senhora de Fátima, as interações que tornam o tempo social são permeadas pelas ações do passado que a constituiu, do presente que atribui função e sentido à escola e do futuro e seus caminhos para novos lugares.

Nesse sentido, o passado caracterizou-se pela instabilidade e o desejo de fixar-se. O presente, por sua vez, se refere às particularidades do funcionamento da escola na concretização e subversão do tempo estatal e suas adequações à cheia e vazante. Já o



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



futuro projeta-se no rio e nos ramais, tornando a tão almejada permanência fluida e conectada.

Com esse texto, mais do que respostas, apresento um convite para repensar a instituição onde você estuda, trabalha e/ou pesquisa. Nesses lugares e com a contribuição desses e de outros autores, é possível investigar a escola considerando a vida presente nas ações dos estudantes e professores.

Referências

BRANDÃO, Carlos; LEAL, Alessandra. Comunidade tradicional: conviver, criar, resistir. In: **Revista da ANPEGE**, Dourados: v. 8, n. 9, p. 71-91, jan-jul, 2012.

EXAME. **Assembleia do Paraná aprova projeto que permite a privatização da gestão das escolas públicas**. Disponível em: <https://encr.pw/NE0wP>. Acesso em: 04 ago. 2024.

EXAME. **IBGE: Mais de 9 milhões de brasileiros entre 15 e 29 anos não trabalhavam e nem estudavam em 2023**. Disponível em: <https://encr.pw/GcwB8>. Acesso em: 04 ago. 2024.

GLÓRIA, Sidiney Araújo. **Estudos hidrológicos como subsídio para a melhoria do acesso aos alunos do ensino fundamental a escolas ribeirinhas na Bacia do Tarumã-Mirim, Manaus/AM**. 2012. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2012.

O GLOBO. **Com temperaturas acima de 45°C, onda de calor fecha escolas e deixa pelo menos 30 mortos no Sudeste Asiático**. Disponível: <https://11nk.dev/xiSz5>. Acesso em: 04 ago. 2024.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MANAUS (SEMED). **Calendário Escolar – Ensino Fundamental**. Disponível: <https://11nk.dev/KFbUB>. Acesso em: 03 ago 2024.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE MANAUS (SEMED). **Escolas Municipais**. Disponível em: <https://acesse.dev/JSJNl>. Acesso em: 03 ago 2024.

SOUZA, Leno. A “cidade flutuante” de Manaus: rediscutindo conceitos. **Revista Aedos**, vol. 3, n. 6, 2010. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/12507>. Acesso em: 29 mar. 2024.

TELES, Gilmara Araújo. **As relações de poder no processo da organização**



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



sociopolítica na comunidade Nossa Senhora de Fátima. 2017. 107 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Instituto de Filosofia, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

UNIDADE DE SAÚDE FAMILIAR RURAL NOSSA SENHORA DE FÁRTIMA. Ministério da Saúde. **Relatório Consolidado da Situação do Território**, 2024.

Anexos



03 e 04 de setembro de 2024



Anexo I. Calendário das zonas urbana, rodoviária e ribeirinha (Rio Amazonas) elaborado em 2023.



Fonte: SEMED, acesso em 03 de agosto de 2024.



03 e 04 de setembro de 2024



Anexo II. Calendário da Zona Ribeirinha (Rio Amazonas) elaborado em 2024.



Fonte: Escola Municipal José Sobreira do Nascimento (trabalho de campo, 2024).



03 e 04 de setembro de 2024



Anexo III. Calendário da Zona Ribeirinha (Rio Negro) elaborado em 2023.



Fonte: Escola Municipal José Sobreira do Nascimento (trabalho de campo, 2024).



03 e 04 de setembro de 2024



Anexo IV. Calendário da Zona Ribeirinha (Rio Negro) elaborado em 2024.



Fonte: Escola Municipal José Sobreira do Nascimento (trabalho de campo, 2024).



Amazonas: o agrário, o político e o urbano na contemporaneidade



Universidade Federal do
Amazonas

Departamento de
Geografia

Laboratório de Geografia
Humana

03 e 04 de setembro de 2024



Agradecimentos

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela concessão de bolsa de mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia (POSGea) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), pela formação continuada.

Ao orientador, Nestor André Kaercher, por aceitar se perder comigo.

Ao Grupo de Estudo de Epistemologia da Geografia na Amazônia (GEEGA), pelo estudo sistemático da obra *A Natureza do Espaço*, de Milton Santos.

 10.29327/amazonas-o-agrario-o-politico-e-o-urbano-na-contemporaneidade-467757.903938

ISBN 978-65-272-0652-1